



## O monstro galvanizado: ciência, mito e religião em *Frankenstein*, de Mary Shelley

Alanis Zambrini Gonçalves

### Objetivos

O objetivo desta pesquisa é fundamentar a hipótese de que, em *Frankenstein*, há uma relação intrínseca entre ciência, mito e religião, partindo de certas influências literárias de Mary Shelley, como *Paraíso Perdido* de John Milton, o mito de Prometeu, difundido desde a Grécia Antiga e certos aspectos científicos sobre galvanismo e química, muito presentes na discussão da época em que Mary Shelley viveu e escreveu sua obra. Assim, busca-se entender como se dá essa relação, se ela apresenta conflitos em seu cerne, e se ela está ligada ao discurso que circulava no século XIX.

#### *Objetivos específicos*

- Realizar a leitura das obras literárias que são mencionadas em *Frankenstein* e que influenciaram a escrita de Mary Shelley, buscando elucidar como essas influências resultam na relação entre mito, ciência e religião.
- Realizar a leitura de materiais que discutam o contexto científico do começo do século XIX, de modo a fazer uma reflexão sobre como os discursos da época influenciaram a obra.
- Buscar entender como se dá a relação entre ciência, mito e religião na obra, de modo a refletir se há conflitos, articulações, flexibilizações e/ou tensões em meio a isso.
- Analisar como a busca pelo conhecimento aparece na narrativa, e o modo como podemos relacioná-la a figuras da literatura, além de observar a consequência de punição, que parece derivar dessa busca.

### Metodologia

Para a realização do eixo mitológico nesta pesquisa, foi necessária a leitura de fontes primárias que trouxessem a história de Prometeu, sendo elas *Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo, *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, *Metamorfoses*, de Ovídio, e *Prometeu Desacorrentado*, de Percy Bysshe Shelley. Além disso, no que concerne à parte da religião, foi necessária a leitura do *Paraíso Perdido*, de John Milton, bem como artigos que discutem a influência deste último em *Frankenstein*.

Ademais, foi feita a leitura de bibliografia para o eixo da ciência, com a leitura de artigos que abordam a situação da ciência no século XIX, bem como o livro *De Natura Rerum*, de Paracelso, levando em conta sua influência no livro de Mary Shelley. Por fim, uma leitura detalhada de *Frankenstein* foi realizada, bem como do livro *Conhecimento proibido: de Prometeu à pornografia* de Roger Shattuck e da obra *Pensamentos*, de Blaise Pascal.

### Resultados obtidos

#### *Ciência*

No que concerne à ciência em *Frankenstein*, nos interessa principalmente o contexto científico que estava em voga quando a autora escreveu sua obra, principalmente pensando em como ele é descrito e

explorado no livro. Assim, uma das questões mais prolíficas em relação a isso foi o conflito científico entre duas correntes de pensamento, que se perguntavam no que concernia a geração da vida e a possibilidade do ser humano ter ou não uma alma. Este conflito se dava entre os que se denominavam materialistas, que defendiam o fato do homem ser apenas um material animado do sistema do universo, e os que se denominavam vitalistas, que acreditavam que o homem era uma criatura criada por Deus com uma alma eterna e separada do corpo. É fato que Mary Shelley estava a par destas teorias quando escreveu seu livro, já que havia tido diversas conversas sobre este assunto com Polidori, o que ficou registrado no diário deste último.

Ademais, Mary Shelley acabou tendo muito contato com o campo científico da época pelo seu pai, que sempre convidava diferentes cientistas a sua casa, dentre eles, Humphry Davy, famoso químico que trabalhava com galvanismo e que defendia a hipótese de que a eletricidade seria o fluido vital responsável por animar todas as coisas vivas, assunto este que é abordado de forma sutil em *Frankenstein*, mas que dá a entender a posição de Mary em meio a este conflito científico de sua época, pois estaria subentendido que o monstro do doutor teria sido gerado a partir da eletricidade.

Além disso, buscou-se saber um pouco mais sobre a ciência a partir dos elementos do próprio livro. No começo do livro, Frankenstein ingressa na faculdade de química justamente por estar maravilhado com a alquimia (pseudociência que deu origem ao que chamamos hoje de química) e principalmente com as escritas de Paracelso. Assim, analisando o livro *De Natura Rerum*, de Paracelso, vemos que Frankenstein teve a sua ideia primordial de criação a partir de tal leitura, visto que o alquimista descreve em sua obra como criar um ser humano artificial, que recebe o nome de *homunculus*. Assim, o personagem principal teria tido o primeiro germen da inspiração ao deparar-se com a chance de criar uma vida de forma artificial e, após isso, teria obtido recursos no galvanismo e na química moderna para levar a cabo sua ideia, o que contribuiu para a sua descoberta, que, futuramente, levaria a sua ruína. Com isso, Mary entrelaça a alquimia e a ciência de seu tempo, retomando o questionamento sobre o que é a vida humana, do que ela seria composta e qual seria a consequência moral da tentativa de reproduzi-la.

### *Mito*

Primeiramente, para entender como o mito é articulado em meio ao romance, temos de nos deter ao título deste: *Frankenstein ou, O Prometeu Moderno*. Aqui, está em jogo a figura mitológica de Prometeu, cuja primeira aparição na literatura é na Grécia Antiga, em meio às obras *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, nas quais o autor conta que Prometeu seria um titã, que engana Zeus em prol da humanidade, sendo a vez mais importante quando ele rouba o fogo dos deuses e o dá de presente aos homens, principalmente porque o fogo pode ser interpretado como sendo uma metáfora para o conhecimento. Assim, esse roubo faz com que Zeus, o rei dos deuses, castigue tanto a humanidade quanto Prometeu. Deste modo, ele manda que prendam o titã em uma rocha, na qual todos os dias um abutre come seu fígado, que se regenera durante a noite, perpetuando um ciclo de tortura. Para a humanidade, Zeus cria a primeira mulher, Pandora, que libera todos os males no mundo.

Após um considerável período de tempo, a figura de Prometeu ganha maior reconhecimento a partir do drama *Prometeu Acorrentado*, do famoso dramaturgo Ésquilo. Aqui, a peça dá maior destaque à punição de Prometeu ao roubar o fogo dos deuses, sendo que é dado foco ao amor que o titã tem pela humanidade e como ele seria o detentor de todo o conhecimento sistematizado. Dito isso, saindo da Grécia Antiga e passando para Roma Antiga, Prometeu aparece novamente nas *Metamorfoses*, de Ovídio. Aqui, ele mostra-se não só como um benfeitor da humanidade, e sim como o seu criador (papel este que, na Grécia, era dado a seu irmão, Epimeteu), dando o sopro vital para os homens, que foram feitos do barro e com o corpo à semelhança dos deuses.

Passando para a época do Humanismo, em que há uma retomada do classicismo, a figura de Prometeu volta, mas mesclada com a figura cristã. Aqui, nos detemos em *Paraíso Perdido*, de John Milton, considerado um dos maiores épicos da língua inglesa. Nesta obra, vemos uma semelhança explícita entre o Satã de Milton e o Prometeu de Ésquilo, principalmente no que concerne à punição do conhecimento e da ambição e à desobediência de uma ordem vinda de um ser com maior autoridade (seja ele Deus ou Zeus). Além disso, o destino é trágico para ambos, que se veem torturados e isolados em meio à punição causada por este ser de autoridade.

Dito isso, passando por um grande período de tempo, nos deparamos com o começo do século XIX, período do romantismo, em que se vê uma retomada intensa da figura de Prometeu, principalmente pelos românticos ingleses. Percy Shelley, marido de Mary Shelley, chega até mesmo a escrever um drama chamado *Prometheus Unbound*, uma tentativa de uma continuação para a peça de Ésquilo, que também mostra uma comparação explícita entre Prometeu e o Satã de Milton. Além disso, temos a própria Mary, que, em sua obra, acaba por incitar novas reflexões acerca do drama de Prometeu.

Deste modo, é possível ver, em meio ao romance de Mary Shelley, como a figura de Prometeu é passível de comparação com Frankenstein, principalmente quando levamos em conta o titã como sendo o criador da humanidade. Assim, Frankenstein acaba por assumir o papel de Prometeu, ao criar uma raça humana a partir de matéria orgânica inanimada, pensando no amor que receberia em retorno da sua ação benéfica e no bem que ele estaria fazendo à humanidade. Porém, assim como Prometeu, ele acaba sendo punido pelos seus ideais e pela quebra de um mandamento implícito sobre um conhecimento que deveria ser proibido. Além disso, é importante notar que, após sua morte, Victor acaba por compartilhar seu papel prometeico com sua criatura, que irá consumir-se em chamas em um último ato de amor à humanidade.

### Religião

No que se refere à religião, analisou-se o livro *Paraíso Perdido*, de John Milton, que aparece constantemente na obra em questão, principalmente para a criatura de Frankenstein, que o lê e interpreta a seu modo, identificando-se ora com a figura de Satã, cruel e invejoso, ora com a figura de Adão, criatura feita à semelhança de Deus e buscadora de conhecimento. Além disso, como dito anteriormente, *Paraíso Perdido* é uma obra que pode ser amplamente relacionada com o mito de Prometeu, principalmente quando se analisa a questão da rebelião e da punição ante uma autoridade máxima, relação esta trabalhada por Percy Bysshe Shelley, que, em seu prefácio para *Prometheus Unbound*, afirma que a única figura parecida com Prometeu seria Satã.

Assim, é possível notar que *Paraíso Perdido* é um livro muito importante para o desenvolvimento da criatura de Frankenstein e para a história em si, como podemos ver pela epígrafe da edição original do livro de Shelley, que traz uma citação direta da obra de Milton, com a frase “Eu pedi-te, criador, do meu barro para me moldares homem? Pedi-te das trevas para me promoveres?”<sup>1</sup>. Esta frase é dita, no original, por Adão, ao encontrar-se expulso do Jardim do Éden, e nos mostra a impotência do personagem frente ao advento de sua criação, bem como a justificativa de suas ações por meio dessa impotência. Com isso, aqui já podemos ver como Adão e a criatura são seres próximos, criados na tentativa de fazer-se algo perfeito, mas que acabam sofrendo por sua condição de existência e sua impotência frente ao mundo que lhes rodeia. Porém, o próprio monstro nos diz que sua existência difere muito da situação de Adão: “[...] Nenhuma Eva acalmou minhas mágoas nem compartilhou

---

<sup>1</sup> SHELLEY, M. W. (1818, c2016). *Frankenstein, or, the modern Prometheus: the 1818 text*. London: Lackington, Hughes, Harding, Mavor and Jones. No original: “Did I request thee, maker, from my clay to mould me man? Did I solicit thee from darkness to promote me?-.”. Tradução minha.

meus pensamentos. Eu estava sozinho. Lembrei-me da súplica de Adão ao seu Criador. Mas onde estava o meu? Ele havia me abandonado, e na amargura do meu coração eu o amaldiçoei.”<sup>2</sup>

Aqui, a criatura faz referência direta à súplica de Adão, usada na epígrafe da edição de 1818 de *Frankenstein*, em que é possível ver o jogo de comparações feito entre a própria criatura e Adão, com ambos sofrendo as consequências da quebra de uma regra advinda de um ser superior, sendo Deus no caso de Adão, e a própria Natureza, no caso da criatura. Porém, frente a isso, também existe a possibilidade da comparação entre o monstro e a figura de Satã, que, tendo sofrido o abandono de seu pai após sua rebelião, acaba invejando a humanidade e tudo o que vem dela, condenado a passar a eternidade em meio ao seu sofrimento, inveja e orgulho, do mesmo modo que a criatura acaba tendo que lidar com a imperfeição de sua aparência e o abandono de seu criador, invejando os outros humanos por sua suposta perfeição.

### *Conhecimento proibido*

Em meio aos elementos estudados acima, podemos pensar em como o conhecimento aparece em *Frankenstein*, principalmente como sendo algo proibido, tanto moralmente quanto praticamente, causando uma punição a Victor quando ele quebra essa proibição. Pensando nisso, é possível relacionar o romance com as ideias apresentadas por Blaise Pascal, em seu livro *Pensamentos*, principalmente porque o autor apresenta a ideia de *portée*, que seria o nosso alcance, ou seja, seria o limite natural que nós deveríamos respeitar em meio a nossa busca pelo conhecimento. Com isso, a ideia de *portée* estabelece que o trabalho científico deve seguir esse limite natural, cuja quebra levaria ao desastre.

Pensando nessa teoria trazida por Pascal, é possível analisar como Frankenstein teria rompido com o *portée* de seu tempo e da humanidade, ao buscar um conhecimento que deveria ser proibido, realizando um feito a partir dele, ou seja, dando à vida a sua criatura, o que lhe causou um sofrimento enorme, que nada mais é do que a punição natural advinda desse rompimento da proibição. Assim, pode-se pensar em como o próprio Victor percebe como os adventos ruins e os tormentos pelos quais ele é obrigado a passar advêm da quebra desse *portée* do conhecimento, principalmente ao levarmos em conta a curiosidade de Victor, que acaba por germinar a busca por este conhecimento proibido. Assim, essa mesma curiosidade foi o que levou Frankenstein à *pleonexia*, palavra grega usada por Roger Shattuck para descrever a resolução do cientista em ultrapassar os limites do conhecimento a qualquer custo, sem preocupação com as consequências negativas que isso poderá gerar. Assim, o mesmo autor fala sobre o conhecimento como sendo fruto de uma tentação do saber, ou seja, de uma vontade quase voluptuosa sobre conhecer mistérios e fatos que deveriam ser naturalmente proibidos.

Dito isso, é necessário frisar como esse conhecimento proibido é o que articula os três elementos (mito, religião e ciência) em meio à obra. Isso é possível ao vermos como a figura de Prometeu, a personagem de Adão, Eva e Satã e mesmo o papel da ciência em meio ao livro possuem uma relação intrínseca com essa proibição do conhecimento, e a consequente quebra desse limite. Assim, Prometeu teria roubado o conhecimento proibido, que aparece metaforicamente a partir do fogo dos deuses, em prol da humanidade, o que gerou como consequência a sua punição torturante e mesmo a punição para a humanidade em si, por meio da criação de Pandora pelos deuses.

Além disso, Adão e Eva do poema de Milton também são punidos pela quebra da proibição do conhecimento, ou seja, pelo fato de terem comido a maçã da Árvore do Conhecimento, principalmente por meio da tentação exercida por Satã, que já teria cometido este pecado antes de tentar ambos os

---

<sup>2</sup> SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *Frankenstein*. London: Collins Classics, 2010, p. 114. No original: “[...] no Eve soothed my sorrows nor shared my thoughts. I was alone. I remembered Adam’s supplication to his Creator. But where was mine? He had abandoned me, and in the bitterness of my heart I cursed him.” Tradução minha.

humanos. Isso acarreta na expulsão dos dois do Jardim do Éden, que resulta na perda de sua imortalidade e gera vergonha e sofrimento.

Por fim, vemos como a ciência foi utilizada em meio ao romance como forma de colocar essa proibição em prática, principalmente porque o tempo em que a obra foi escrita era uma época muito prolífica na área científica, havendo grandes debates sobre os limites do que seria possível para a ciência e mesmo no que a ciência deveria focar o seu interesse, sendo que o papel ético e moral desse campo científico acaba sendo trabalhado no romance em questão. Além disso, mesmo a alquimia em si, tão adorada por Frankenstein em meio aos seus estudos, pode ser vista como um rompimento de limites, principalmente por meio das promessas que os alquimistas faziam sobre descobrir os mistérios da natureza e mesmo sobre trabalhar com coisas sobrenaturais e supernaturais.

### **Conclusão**

Por meio desta pesquisa, foi possível ver como *Frankenstein* é uma obra complexa, principalmente em sua articulação entre mito, religião e ciência, a partir da temática do conhecimento proibido, estabelecendo uma discussão e reflexão profundas sobre a ética e a moral da ciência frente aos limites naturais que nos circundam. Além disso, a obra mostrou-se ser uma fonte histórica importante, especialmente ao possibilitar o descobrimento de fatos que ocorriam no tempo em que ela foi escrita por Mary Shelley.

Assim, essa pesquisa possibilitou uma análise profunda sobre como o romance articula elementos diferentes entre si, sem desarmonizá-los, trazendo uma narração que consegue encadeá-los, bem como gerar uma reflexão sobre bem e mal, ético e antiético, proibição e punição, entre outros. Não é à toa que Frankenstein continua sendo amplamente lido até hoje, trazendo suas reflexões para milhares, senão milhões, de leitores, ávidos para descobrir quais são os limites da ciência e do conhecimento.

### **Bibliografia**

AESCHYLUS. *Prometheus bound*. Coautoria de Mark Griffith. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HESIOD. *Theogony: and, Works and days*. Introdução de Catherine Schlegel, Henry Weinfield. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2006.

HINDLE, M. Vital matters: Mary Shelley's Frankenstein and Romantic Science. *Critical Survey*, Vol. 2, No. 1, Science and the Nineteenth Century (1990), p. 29-35.

MILTON, J. *Paradise lost*. London: Penguin, 1996.

OVID. *Metamorphoses*. Cambridge; London: William Heinemann, 1916

PASCAL, B. *Pensées sur la religion et sur quelques autres sujets*. Delmas, 1952. Disponível em: <https://www.ub.uni-freiburg.de/fileadmin/ub/referate/04/pascal/pensees.pdf>

PARACELUSUS. *De Natura Rerum*. Bibliotheca Estadual de Baviera: Jobin, 1584.

SHATTUCK, R. *Forbidden knowledge: from prometheus to pornography*. New York: St. Martin's Press, 1996.

SHELLEY, M. W. (1818, c2016). *Frankenstein, or, the modern Prometheus: the 1818 text*. London: Lackington, Hughes, Harding, Mavor and Jones.

SHELLEY, P. B. *Prometheus Unbound: a lyrical drama in four acts with other poems*. London: C and J ollier, 1820.